

REDACÇÃO GERAL DO JORNAL  
ALEXANDRE VIEIRA  
\* Proprietário da Confederação Geral do Trabalho \*  
EDITOR—JOAQUIM CARDOSO  
Redacção e administração Calçada do Cambro, 38-A, 2.º  
Lisboa—PORTUGAL  
End. telegr. Talla—Lisboa • Telefone: 7  
Officinas de impressão: Rua da Afalaia, 134

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ—PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## Metamorphose política

Pósto que na atmosfera política portuguesa se operou uma mudança tão súbita e inesperada quanto profunda—profunda, sim, senhores—é oportuno dissecar um pouco, sem pretensões sábias ou proféticas, a respeito do futuro que ao país está reservado, sob os auspícios de uma governação nova, arranjada aliás com matéria prima de segunda mão. Uma pergunta ocorre *tout d'abord*: Haverá possibilidades de manter-se presente em Portugal um governo, seja de que cor for, capaz de realizar obra valiosa, regularizando o que está irregular, endireitando o que está torto, desanviando as perspectivas económicas da nação, afugentando a fome que nos espreita, estabelecendo na administração pública princípios de moralidade há muito esquecidos, compreendendo enfim o carácter essencialíssimo do momento que decorre e conseguindo fazer se não tudo, que é impossível, pelo menos alguma coisa, o que já seria louvável e excepcional, no sentido de levar o país para a prosperidade de que ele vertiginosamente se afasta? Eis aqui a pergunta que primeiramente ocorre ao espírito de quem pretende desvendar, à força de raciocínios, o desconhecido que o futuro político encerra em si. Para nós, a resposta é fácil, e consubstancia-se numa negativa condicional, usando a difícil linguagem que modernamente se tornou corrente em jornalismo. Negativa porque descremos. Os defeitos do constitucionalismo ou do parlamentarismo, agravados até ao infinito num país corrompido como o nosso, onde os partidos se subdividem, multiplicam e degradam, em cada de mequinhas interesses de predomínio ou em torno de militares ambições individuais, impossibilitam as actividades bem intencionadas, manietando-as, esmagando-as, tolhendo-lhes a marcha. Por outro lado, as competências faltam, e toda a tarefa a realizar só chegará a bom caminho com uma competência a guisa. Ainda por outro lado, admitindo que o parlamento português se tornava o melhor de todos os parlamentos—e é o pior, santo Deus!—consciente da sua missão, disposto a auxiliar empreendimentos de valia, esquecendo as velhas rixas indecentes; admitindo também que os homens competentes abundassem a ponto de andar a gente a topor com eles nos caixotes do lixo—ainda mesmo assim um governo bom seria impossível porque tam profundas estruturais são as reformas a efectuar que não as suportaria o depauperado organismo nacional,

## Acaba a censura à imprensa?

A BATALHA entrevista o presidente do ministério

No intuito de nos inteirarmos acerca da atitude que o actual presidente do ministério estaria disposto a tomar em relação à *Batalha*, cuja publicação fomos forçados a interromper, mais uma vez, na terça-feira última, ante a sistemática perseguição que a policia de segurança do Estado lhe vinha movendo, dirigimo-nos, ontem, o redactor principal e o editor deste jornal ao ministério da justiça, onde tiveram uma entrevista com o dr. sr. Ramos Preto, que imediatamente recebeu os representantes de *A Batalha*.

Expostas ao presidente do ministério as trucidâncias de que *A Batalha* tem sido alvo por parte da policia de segurança do Estado, a qual afirma que o seu procedimento em relação a este jornal tem obedecido a instruções que lhe não são dadas pelo governo, e informado o dr. sr. Ramos Preto que em face de tais violações fomos forçados a interromper a publicação de *A Batalha*, cujos redactores aliás nunca se eximiram, nem eximem, a tomar, perante o poder competente, a responsabilidade do que aqui se escreve, inquirimos do actual presidente do ministério se achava legítimo o que se nos estava fazendo e de qual seria a sua attitude para com este órgão operário.

Não se mostrou o presidente do ministério de acordo com as medidas arbitrárias que tem sido adoptadas para com *A Batalha*, antes nos afirmou ser um franco partidário da liberdade de expressão de pensamento, entendendo que não é mister sair fora da lei para punir quaisquer abusos. Assim declarou-nos o sr. ex.º que enquanto ao conservar no lugar que transitoriamente occupa não só *A Batalha*, mas todos os outros jornais estarão simplesmente sujeitos às sanções legais, que em seu critério são bastantes.

Por último, tendo nos registado os palavras do presidente do ministério e declarado que, em face delas, iamos fazer reaparecer *A Batalha*, porque se nunca fugimos a assumir a responsabilidade do que escrevemos perante os tribunais, repugnando-nos todavia estar sujeitos ao arbitrio e arbitrário critério da policia, pedimos ao sr. ex.º que voltassem a publicar desde já o jornal, com a segurança de que, enquanto estiver no poder, não será *A Batalha* violentamente impedida de circular.

Significam estas palavras do actual presidente do ministério, que é um homem do foro, que vai deixar de ser exercida a odiosa censura policial sobre uma parte da imprensa de Lisboa, e por termo a tam repugnante regime de mordacão não significa um favor, mas regressar ao cumprimento das leis que regulam a liberdade de imprensa, cujo exercício só em Portugal podia estar dependente do critério policial.

## NOTAS & COMENTÁRIOS

**Ricos...** Continuam a vir à superfície os esboços das obras do Estado, assim se explicando que indivíduos que há pouco não tinham dez réis para mandar cantar um cego hoje nos aparecem como novos ricos. Facto idêntico se verifica em relação a vários sujeitos cuja passagem pelo negro antro das subsistências foi bastante a dar-lhes uma abastança que não logariam se tivessem permanecido amarrados à abandonada profissão.

Decididamente ainda a melhor maneira de enriquecer-se é fazer-se uma pessoa—homem público...

**Trabalhai...** Esfalfam-se os nossos incomensuráveis parlamentares a pregar a necessidade de que se trabalhe muito e se trabalhe bem para que este pobre país se transforme numa rica região. Fazem, porém, como Frei Tomás... E ainda agora vem de verificar-se a inconsequência que caracteriza não só os parlamentares como os governantes, pósto que uns e outros promoveram na semana que decorre dois feriados: um na terça-feira e outro ontem.

Não há dúvida que isto progride...

**Charada** — Já lêste?  
— Já li.  
— É então?  
— Confesso que...  
— Confessas que não percebes, é o que é!  
— É tu?  
— Percebo à maravilha, ora aí está...  
— Fazes-me ralar com isso, sabes?  
— É de crer, pósto que não decifras-te ainda. Mas olha que a cousa mata-se a primeira vista.  
— Pode ser, mas eu... E repara que falas com quem já digeriu Nietzsche e Hume, Espinosa e Kant, Averroes e Nimes da Mata. Mas isto não vai. É filosofia demasiadamente gaga. E cre que se ficaria extremamente agradecido se fizesse chegar até mim um pouco das tuas luzes.  
— Não tem nada que saber. É que isto revela uma falta alitativa...  
— ?  
— ...falta que obriga a muito...  
— ?  
— ...falta que torna complicadas as filosofias de cada qual...  
— ?  
— ...falta que leva muita gente boa a preencher com larachas retóricas e belicoidais, pretensamente profundas, aqueles quartos de papel que é preciso forçosamente preencher.  
— Mas que falta, homem de Deus? Explica-te de vez!  
— A falta de assunto, ora aí tens. E fica lá sabendo ainda que as banalidades expressas dum modo obscuro podem muito bem fazer a celebridade dum homem...

## JURADOS E JUIZES

À margem da justiça...

Quasi ao mesmo tempo deram-se agora dois julgamentos interessantes que merecem uns momentos de atenção e que se prestam a alguns confrontos e conclusões nada para desprezar. Refiro-me, está bem de ver, ao julgamento dos rurais de Évora, que se iniciou em 21 do passado mês de Maio e terminou na madrugada do dia 30 do mesmo mês, e àquele outro que principiou, no Porto, no dia 31 de Maio e terminou no dia 1 do corrente—o julgamento dos mineiros de S. Pedro da Cova.

Ambos estes processos eram de querela, sujeitos a júri; ambos se baseavam em uma falsa acusação tristemente architectada. Em ambos havia acusação particular representando lavradores e proprietários reaccionários desejosos de ferir a organização operária. E, se é certo que no caso de S. Pedro da Cova apenas se procurou atingir e esmagar três homens; se é certo que a ferocidade requinta no caso de Évora porque é mais sinistro e miserável o plano e porque muitos mais homens e muitas mais famílias procura torturar, não deixa de haver também a sua semelhança no fundo da acusação: *Os de Évora haviam constituído uma terrível associação de malfeteiros para praticar furtos de importância; os de S. Pedro da Cova haviam promovido, juntamente com outros indivíduos de ambos os sexos, vários assaltos invadindo as casas de vários lavradores e haviam ainda instigado os mineiros em greve a cortar o cabo aereo da companhia mineira de S. Pedro da Cova.*

Pois bem! Correram os dois julgamentos os seus necessários trâmites, revestido por vezes aspecto bem semelhante—guardadas as devidas proporções—não só na parte intrínseca dos processos como até no aparato bélico fornecido pela guarda republicana que pejava os tribunais...

Guardadas também as devidas distâncias sobre a ferocidade criminal da acusação, que assumiu

## QUE É FEITO DO "LOOK-OUT"? O CONFLITO ENTRE OS QUADROS GRAFICOS E AS EMPRESAS JORNALISTICAS

Por culpa dos graficos? Por culpa das empresas? Porque o governo o alimenta?

Iniciado há dois meses, ainda não está solucionado, permanecendo no mesmo pé

É do domínio do público o conflito que entre os quadros gráficos e algumas empresas jornalísticas se mantém há precisamente dois meses.

Está já sobejamente averiguado que só devido a um mero capricho e a uma sistemática teimosia por parte de alguns jornalistas o conflito subsiste, conforme já *A Batalha* teve ensejo de demonstrar.

Tem os quadros gráficos mantido no actual conflito uma attitude que sobremaneira os enobrece. Com a maior serenidade se não conduzido e essa serenidade, que tanta desorientação tem levado ao reduzidissimo número de empresas que ainda pretende manter no *look-out* que já de há muito caiu no ridículo, acaba por colocar essas empresas numa situação deveras caricata.

Não tem querido aquelas atender as justas reclamações dos seus quadros gráficos, reclamações aliás justas que se filiam na sempre crescente carestia da vida, alegando não poderem fazê-lo por representarem um aumento incompatível com os seus recursos.

Já aqui demonstrámos claramente que tal afirmação não assenta em bases sólidas, pois não se pode admitir que as empresas jornalísticas venham por um lado dizer que não podem atender as reclamações dos gráficos quando, por outro lado, se verifica que aos tipógrafos-militares pagam, como o tem feito há quasi dois meses, o dobro dos vencimentos reclamados!

Não tem havido, pois, por parte de um reduzido número de empresas jornalísticas senão a intenção de amesquinhar e espelinhar um punhado de operários que, com tamanha dignidade, tem sustentado uma luta tam desigual e tam demorada.

Firmadas essas empresas no amparo do governo, que lhes tem fornecido tipógrafos-militares, julgam-se elas ainda fortes para prosseguirem numa luta que em nada as tem dignificado.

E a luta prossegue, tendo a alimentá-la sómente o capricho dum *meneur*, que tem a pretensão de esmagar uma classe que espera ver rendida pela fome, como o tem afirmado—e o auxilio que o governo lhe empresta mantendo ilegalmente, a dentro das oficinas particulares, os tipógrafos-militares, procedimento que só seria admissível no caso do conflito se verificasse entre os operários dalgum estabelecimento do Estado.

Quem são, pois, os fomentadores do actual conflito?

Os tipógrafos? As empresas jornalísticas? O governo?

Quanto aos tipógrafos, tem estes mostrado, já por três vezes, o seu espirito de transigência, procurando dar ao conflito uma solução, e se dois actos de *sabotage* foram já praticados—o primeiro aliás não provado, tudo parecendo indicar que dum *true se* tratou, o segundo ainda por esclarecer—não são eles da responsabilidade da classe. Trata-se de actos individuais, pósto que

dos que o trocam, e a trocar, preferiamos ligar-nos aos trocados e rirmos dos conservadores, sempre mais caricatos com as suas manias de impedir o mundo de seguir o seu movimento progressivo e irreprimível.

\*\*\*

O sr. Almada Negreiros é dos futuristas portugueses que mais troça tem sofrido. Porém, como é um temperamento superior, tem sabido responder à troça com a própria troça. Sem abdicar dos seus ideais futuristas, fez—está ainda na memória de todos—o *manifesto anti-Dantas*. Todos os homens tem o seu lado ridículo e o sr. Almada Negreiros soube ver, apesar com habilidade extrema, o Dantas caricato. E—caso estranho!—todos os que riam e escarniam as loucuras de Almada Negreiros, riram a bom rir, do manifesto, mas do Dantas, do «Dantas que usa calças de rendas», do «Dantas que cheira mal da boca» e da «Mariana Al-cufurado». E quantos que não são futuristas exclamaram com o autor proscrito e escarnecido: —«Morra o Dantas! Pim!»

Este manifesto trouxe vantagens ao futurismo, em Portugal, porque conseguiu fazer-se compreender. E Almada Negreiros persiste, não sabendo nós se trilha o caminho da verdade ou não; prossegue, aperfeiçoa-se dentro do seu campo.

A perseguição obrigou Negreiros a sentir a necessidade de ser mais perseguido. E sabe ele, quantas vezes fez desenhos exagerados e traços que nem ele próprio percebia, no intuito apenas de *épater le bourgeois*, de ser perseguido por ele.

O homem não se gloria apenas dos aplausos; os apupos também lhe trazem prazeres estranhos, agri-doces. E o sr. Negreiros há de ter sentido muitas vezes uma grande vontade de fazer ulular improprios a multidão ignorante. Porém, essas obras de *épater* encerram apenas grande valor emotivo para o autor.

Ultimamente Almada Negreiros tem feito progressos. Verifica-se o seu aperfeiçoamento na exposição que no salão nobre do teatro de S. Carlos, de

## UM NOVO FOLHETIM de «A BATALHA»

A partir da próxima terça-feira iniciará o nosso jornal a publicação dum novo folhetim, e bastará dizer-se que é **CARLOS MALATO**, escritor avançado de reconhecidos merecimentos literários, o autor da obra que escolhemos, e se intitula

## OS COMUNEIROS

Para que os nossos leitores a esperem com justificada impaciência. De facto, o folhetim que *A Batalha* inaugurará na próxima terça-feira

aliam-se todos os requisitos que podem tornar interessante uma narração, pois o folhetim tem a intensidade dramática, os pormenores emocionantes, primores de descrição, etc. E assim, o romance

## Carlos Malato,

traduzido em vários países, tem certamente por parte dos nossos leitores o mesmo entusiástico acolhimento que já fora obtido.

E, portanto, com suma satisfação que anunciamos desde já a publicação

## OS COMUNEIROS

a partir de terça-feira próxima.

## A Irlanda agitada

Proseguem os conflitos

LONDRES, 10.—Ontem à noite houve novo encontro entre os voluntários de Ulster e 56 sinn-feiners em Lisburn, havendo feridos de parte a parte, —*Rádio*

## Resposta eloquente

A C. G. T. de França recebe oficialmente os funcionários públicos

Resposta eloquente, dada ao governo francês, que mostrou velidades de dissolver a C. G. T., foi a dos funcionários públicos, que no seu recente congresso resolveram aderir à C. G. T., cuja comissão administrativa, reunida em 2 do corrente, recebeu a delegação da Federação dos Funcionários, composta das camaradas Charles Laurent, secretário geral, e Piquemal, secretário adjunto, que foram pedir à C. G. T. para aceitar a adesão da sua organização, conforme o mandato do seu congresso.

Charles Laurent, numa breve exposição, disse quanto eram antigos os sentimentos que animam actualmente os funcionários para com os operários e quanto os acontecimentos actuais os tornavam mais vivos.

Jouhaux, fazendo-se intérprete da C. A., agradeceu a Laurent as suas palavras. Depois, sem discussão e por unanimidade, a C. A. declarou admitida a Federação dos Funcionários.

## As relações com a Rússia

A Inglaterra vai reatá-las

LONDRES, 10.—Noticias particulares dizem que as dificuldades preliminares que impediam o restabelecimento das relações comerciais com a Rússia foram agora removidas, parecendo que para as primeiras condições de pagamento serão a permuta de mercadorias por ouro ou platina. —*Rádio*

## Um abuso

Geralmente, os agentes da policia de segurança do Estado, quando vão, a título preventivo, prender os militantes operários—o que sucede com frequência—desde que vigora este regime de liberdade e fraternidade—passam breves nos respectivos domicílios, a pretexto de encontrarem... dinamite ou armas. Porém, sendo rarissimo encontrar em casa dos operários aqueles artigos, que mais abundam nas *soi-disants* defensas da república, não se dispensam todavia os agentes da Ordem de levar consigo os livros e papéis que se lhes afiguram subversivos, embora de subversivo nada tenham.

Sucede que na enxurrada vão geralmente papéis que não tendo a menor importância para a policia, a tem para os seus detentores, pósto que, por vezes, alguns daqueles papéis pertencem aos organismos operários, encontram-se, em regra, na mão dos referidos trabalhadores por virtude deles desempenharem cargos nos respectivos organismos.

Seria natural que uma vez restituídos à liberdade as vítimas da argúcia policial, restituídos lhes fossem os documentos apreendidos, mas raramente tal facto se verifica, porquanto na segurança do Estado se tem negado, por vezes, a devolver papéis apreendidos, não porque tenham qualquer importância para a policia, mas porque esta se julga no direito de os inutilizar.

Assim sucede com uns papéis, entre os quais vários recibos pertencentes à C. G. T., que a policia apreendeu há tempos em casa do nosso camarada Alfredo Neves Dias, quando ali o foi capturar não se sabe porque—porque não disseram na policia—papeis que tendo sido reclamados s vezes varias por aquele nosso amigo, ainda lhe não foram entregues, e entre os quais se encontram recibos pertencentes à C. G. T. e outros documentos da tesouraria que estavam a seu cargo, cuja falta poderia pôr em dúvida a honestidade daquele operário. E o mesmo facto se verifica em relação ao nosso camarada Leopoldo Calapez, a quem foram apreendidos igualmente uns papéis quando da sua recente prisão e que da mesma forma lhe não foram devolvidos.

É possível que os dirigentes da policia de segurança do Estado achem semelhante procedimento regular, mas nós achamo-lo simplesmente abusivo.

## Porquê?

A *Batalha* foi na segunda-feira violentamente impedida de circular, uma vez mais, pela policia de segurança do Estado, que, no numero daquella dia encontrou, ao que parece, qualquer coisa que no seu peregrino entendimento tomou como subversivo, provocador ou despejado, senão as três coisas juntas.

Embora isto pareça estranho, nós não sabemos que artigo ou sueto deu lugar à arbitrariedade dos censores. Diligenciamos conhecer a matéria delitosa, e com esse intuito nos dirigimos ao gabinete da policia de segurança do Estado, mas não logramos obter a desejada informação.

Supondo que a truculência houvesse sido motivada pelo editorial que naquele numero publicávamos, onde, aliás em linguagem elevada, apreciávamos a acção exercida pelo extinto presidente do ministério, sem todavia acamardarmos com os jornais que hipocritamente enchorem columnas, mas fazendo, com lealdade e correção, a critica serena à conduta daquele homem publico, artigo que havemos de reproduzir nestas columnas para que se não possa julgar que ultrajávamos a memória do falecido coronel; supondo, iamos dizendo, que a arbitrariedade tivesse origem naquele editorial, pretendemos fazer sair no mesmo dia à tarde *A Batalha*, tendo feito substituir o referido artigo por uma nota em que declarávamos que, violentamente impedidos, naquele momento, de publicar o que sentiamos, nada diríamos acerca da acção exercida pelo coronel Baptista como presidente do ministério, reservando-nos o direito de o fazer noutra ocasião.

Agentes da policia de segurança do Estado, que não haviam abandonado a casa onde se imprimia *A Batalha*, levaram um exemplar ao governo civil, voltando com o ordem de que *A Batalha* não podia circular, nem mesmo se fosse a policia a publicar.

Em presença de tam sistemática perseguição a este órgão operário, fomos forçados a interromper a regular publicação de *A Batalha*, que respicamos hoje, na esperança de que o actual presidente do ministério, em harmonia com as declarações que ontem nos fez, e a que especialmente nos referimos noutro lugar, terminará com a anomalia situação a que temos estado sujeitos.

## O julgamento de Évora

*A Batalha*, atendendo ao interesse que despertou o julgamento de Évora e ao vultu que ele tomou, editará brevemente, em separata, os discursos de defesa do nosso amigo dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T.

## A arte e os artistas

Exposição futurista de Almada Negreiros

O futurismo é uma Arte perseguida. Não pela censura prévia, como nós, mas pelas rixas dos que a não compreendem ou não querem compreender. O futurismo, apesar de ser uma nova modalidade da Arte, já tem apóstolos como Marinetti e suicidas como Mario Carriero. É uma nova técnica, uma maneira recente de interpretar a natureza, tam diferente da usual que todo aquele que, desde tenra idade, amoldou o cérebro e o sentimento às banais correntes artísticas, ao enfrentar o futurismo nada percebe, nada vê, não quer acreditar que ele, como qualquer outra expressão do pensar e do sentir, exerce poesia, tragédia, comédia, ironia e, muitas vezes, a banalidade de todos os dias.

A sensação produzida pelo futurismo, com as suas obras exóticas, exactamente a mesma que o realismo literário provocou ao romper definitivamente com o romantismo; é mesma sensação causada pelos quadros de Courbet e Puvion de Chavanras e, já recentemente, pelo impressionismo de Besnard.

Quasi todas as novas concepções artísticas que se querem impor, trazem revolução. Há revolução nos vários sistemas artísticos, como a há na estrutura económica dum regime ou nos ideais políticos dos povos; o fundo renovador é sempre o mesmo. A revolução é feita pelo exagero, pela suprebundância de força que não se pode conter. Zola, na literatura realista, foi exagerado; Courbet, Manet e Degas, no realismo pictorial, excederam-se; Rodin marcou pela força a sua personalidade, influenciando com o seu génio uma geração de escultores medíocres, de que, em Portugal, há muitas amostras; Bernard escandalizou Paris e, não há muito tempo, que o cubismo de Conhae, fez rir os nossos conservadores.

Em geral as ideias novas são hostilizadas pelo riso, porque o riso é o primeiro demolidor. Quando o riso não chega, lança-se mão da intriga de senhora visinha, da conspiração; mas raro é haver alguém que as combata frente a frente.

Ora, o futurismo, devido ao seu exagero, bastante justificável, foi e é alvo de troças formidáveis. Nós não somos







# A BATALHA

**OARTAXO, 6**  
Pão caro e péssimo  
Nesta apavorante vila, bem digna de melhor  
orte, é péssimo, insuportável mesmo.

aguentam tempo, é certo; mas aqueles que só têm para vender o seu trabalho não podem facilmente defender-se do uso da força. Não se compreende que o rigor não se aplique a uma tabela e que esta regule o preço do pão em Lisboa a 425 e no Carimão a 300. Mas a moagem é a planificação local e tem encargos superiores aos das usinas. É preciso que o capital, portanto, não se desrespeite pela lei que a autoridade sempre por dóbro.

E preciso que a autoridade administrativa não se desrespeite pela lei que a moagem traz arfvelada. Ela encobre seus elementos de ganância sem limites e o fisco não tem a coragem de castigá-la. Ela se faz *fourreau* com o rigor da justiça e o desrespeito destes milicianos é justificado. Entre eles de que de tudo se faz uso, o administrador justifica o pensamento de que a moagem é a planificação local e que a lei lhe exige uma estatua recordatória dos seus serviços, mandando verificar o que a moagem faz e demonstrar se caluniosa a afirmação.

A sua mistura de várias coisas com o velho e o novo, com o antigo e o moderno, com o que é fabricado o pelo que são obras feitas para tragar, como o filho pródigo, cujo alimento era comum aos seus irmãos.

Há no Crisânho potações circunvenientes há passos sofrendo se consequência da má qualidade do pão, e, com paciência essa paciência se exagote justificando os meios pelos fins. Os derivados da fabricação de trigo não dão, reduzidos a pó as coisas que com este nome para si vende.

O que nós, consumidores, queremos é que o trigo; pouco importa que seja ou não muito caro, mas que seja barato; curto; o que é necessário é que seja pão e não pão de sêmola.

Se o trigo não dá pão, queremos e bolas menos despejada e o nosso estômago mais confortado. O que é preciso é que não faça da lei escudo protector de maquinação e de interesses protector dos grandes da miséria pública.

É preciso que a autoridade administrativa e fiscal que para ali se ostenta na ociosidade e que não sabe fazer coisa alguma, se guarde republicana, justifique a necessidade da sua existência, prestando ao povo um serviço útil e necessário.

— A defesa dos seus direitos da sua vida da sua saúde. Queremos pão que não casfisto nem repugnância nem doença.—

**GUIMARÃES, 7**

Mais uma vitória da construção civil — manifesto dos honrados conscriptos.

Como dissemos, o Sindicato Unico da Construção Civil, acaba de conquistar na vitória com a sua ultima greve parcial retribuição de 10% sobre o salário.

Foi o primeiro movimento que nesta cidade mais homogêneo, tendo amarelos que entrar na ordem, não foi desfeito por medo dos conscientes a vilão de todos aqueles.

Todos os mestres assinaram as reclamações, alguns com bastante custo, fazendo com que os seus camaradas e camaradas da construção civil.

Ontem, na reunião em que foi dado conhecimento aos grevistas da vitória já alcançada, houve grande entusiasmo sendo no reino o grande entusiasmo sendo no

por algumas camadas executadas alguns composições musicais, para o que estas munidos dos respectivos instrumentos certa altura entram na sede do sindicato administrador do concelho, chefe de polí e dois guardas republicanos armados de pingangs, ficando na rua mais soldados infantaria e cavalaria da guarda republicana.

Estas autoridades intimaram todos a comparecer a sala, com o pretexto de alterar a ordem publica, tentando ficar com chaves do sindicato, e que não conseguiram.

—Os merceiros desta cidade lançam a público um manifesto, no qual, entre outras coisas interessantes e dignas de apreciadas, não tem vergonha de afirmar que se seguem:

ver em cada negociante de mercearia  
usurpador, quando ele, afinal, não é  
que um benemérito, um verdadeiro hon

de trabalho, vivendo sempre debaixo de  
arellas para prover, cuidadosamente, a  
sua família. Não se dá conta de que os  
seus deixaram de existir estas causas.  
Santas criaturas! Como se devam se-  
melhar a Jesus, que morreu para que  
o homem já estomado publico para euc  
cofres!  
E nós admiramos a coragem em alim-  
destas coisas.—C.

## Polícias agressores

Procuramos o sr. David José Nóbrega, contra-mestre da oficina de pintores do bento da Mariuba, páteo do Carvalhal, dizendo-lhe que fomos chamados na noite passada pelo informador da notícia que buscamos com este título, pelo menos, referente à morada que é a sua e não indivíduo que no-la deu.

Nada há mais triste do que um d  
gracado doente muitas vezes alêm

Infelizmente, temos tido conhecimento de casos que por esta circunstância necessariamente desumanos. O

que está registrado em todos os países da Convenção Inter-

países da Convenção Inter-  
nacional de Marcas, é prepara-  
do por Antônio Dias Amado, que ra-  
calmente cura a sífilis, as doen-  
ças do útero e ovários, as ch-

óssea, reumatismo, as úlceras,  
ou fístulas, os tumores, as doe

Depósito geral — Casa do autor — Farmácia Luso-Brasileira, Praça de S. Paulinho, 20, 21 e 22 (esquina da rua Nova do Carvalho)—Lisboa — Telef. 1667.

Porto — Farmácia Almeida Cunha, á rua Formosa, 32.

This image shows a blank, aged, light brown page, likely an endpaper or flyleaf of a book. The paper has a slightly textured surface and shows signs of wear, including small dark spots and a slightly uneven color. There is no text or other markings on the page.



